

O QUE OS SURDOS ADULTOS TÊM A DIZER AOS PAIS DE CRIANÇAS SURDAS?

Sueli Fernandes¹

INTRODUÇÃO

Geralmente, ao iniciarmos a leitura de um texto que pretende trazer contribuições às famílias que compartilham da experiência de ter um filho surdo entre seus membros, espera-se que haja uma série de recomendações do que fazer para superar o “choque”, a “angústia” e a “culpa” por não saber como lidar com a situação de um filho que não ouve.

É quase certo que, após um diagnóstico clínico de surdez, anunciado pelo médico, um futuro obscuro e incerto é traçado, no qual circulam fantasmas futuros anunciando os problemas da falta de audição, da impossibilidade da fala, dos problemas de comunicação.

Nossa intenção, na verdade, não é essa. Pretendemos, ao contrário, demonstrar todos os prazeres e possibilidades que essa experiência trará à família, se ela estiver devidamente informada sobre como seu filho surdo vê o mundo, como ele interage e de que forma se sentirá seguro e acolhido, se as pessoas que o cercam demonstrarem como ele é amado e respeitado, de uma forma que ele compreenda.

Convidamos você, pai, mãe e outros familiares, a conhecer um mundo novo sobre o **Ser Surdo** que não está registrado nos manuais de médicos e terapeutas, que geralmente acompanham as primeiras visitas a esses profissionais.

E quem nos fala sobre as portas que devem ser abertas para conhecê-la são os próprios surdos adultos que, justamente por já terem percorrido todos os esses caminhos, querem compartilhar sua experiência com pais de crianças surdas que serão as novas gerações e, quem sabe, ensinar “alguns atalhos”.

Devemos estar atentos ao que os surdos adultos que querem compartilhar suas experiências de vida têm a dizer, pois são eles que, melhor que ninguém, sabem o que significa Ser Surdo.

¹ Doutora em Estudos Lingüísticos (UFPR), Mestre em Lingüística (UFPR), Pesquisadora da educação bilíngüe para surdos.

Tomamos emprestados seus depoimentos para informar aos pais sobre a experiência de Ser Surdo, comunicação entre pais e filhos, educação e outros temas igualmente importantes. Organizamos este material não apenas para confrontar a perspectiva tradicional de caracterização das pessoas Surdas, mas com o intuito de informar, esclarecer e ampliar os laços dos filhos surdos com seus pais.

PARA INICIAR, “BEM VINDO À HOLANDA”...²

Esperar um bebê é como planejar a fantástica viagem de férias com que você sempre sonhou – para Itália. Você compra um monte de guias e faz planos maravilhosos. O Coliseu. O David de Michelangelo. As gôndolas, em Veneza. Você pode aprender frases úteis em italiano. Tudo é uma festa.

Depois de meses de expectativas, finalmente chega o dia da viagem. Malas prontas, você entra no avião e, algumas horas depois, a aeromoça vem e diz:

– “Bem-vinda à Holanda”.

– “Holanda?! Como assim, Holanda?, você se espanta. “Meu vôo era para a Itália. “Sonhei a vida inteira em ir para a Itália”.

Mas houve uma mudança no plano de vôo. Aterrissaram na Holanda e este é seu destino agora. Importante é que não te levaram a um lugar horrível, desagradável e sujo, cheio de epidemias, fome e doença. É só um lugar diferente.

Então você tem de sair e comprar novos guias. E aprender uma língua nova. E conhecer pessoas que nunca teria conhecido. É só um lugar diferente. O ritmo é mais lento que o da Itália; a luz menos brilhante. Mas, depois de estar lá por algum tempo, você toma fôlego, olha em volta... e começa a notar que a Holanda tem moinhos... e a Holanda tem tulipas. A Holanda tem até Rembrandts.

Mas todo mundo que você conhece foi e voltou da Itália, contando maravilhas do tempo passado lá. Pelo resto da vida você dirá:

– “É, era para lá que eu deveria ter ido. Era isso que eu tinha planejado.”

Mas, se você passar a vida lamentando o fato de não ter ido para Itália, talvez não possa descobrir o que existe de tão especial e todas as coisas adoráveis que há...na Holanda.

Pais, ter um filho surdo é uma experiência muito parecida com esse relato que introduz a nossa conversa. É preciso vivenciar a experiência para descobrir quantas novidades a aprender: uma nova língua, uma forma de ver o mundo totalmente determinada pela visão, enfim, uma experiência que exige de nós a máxima sensibilidade visual, sob pena de perdermos algum detalhe importantíssimo dessa viagem...

Tenho um filho surdo! E agora?

Sabemos que essa notícia, não raro, é dada por um profissional da saúde, quase sempre um médico. Sua visão científica e clínica (com sorte acompanhada de

² Texto de Emily Perl Knisley (1987) extraído de Cerebral Palsy Association of Western Austrália Ltda. e traduzido pela Dra. Mônica Ávila de Carvalho, Minas Gerais, em 30/12/95.

doses de humanismo...) pretende nos esclarecer as limitações que a deficiência diagnosticada trará ao desenvolvimento desse bebê.

Para os pais, nenhuma explicação posterior faz sentido, pois a palavra DEFICIÊNCIA é a que mais lhes chama a atenção nesse momento. O que os pais deveriam saber, e quase sempre não lhes é dito, é que o aspecto mais importante em se ter um filho surdo é que ele apresentará uma diferença na comunicação.

Apenas isso! Poderá ser uma criança inteligente, questionadora e feliz, como milhares de outras tantas... Mas necessita aprender um sistema de comunicação adequado às suas necessidades visuais, e não auditivas, como é comum entre a imensa maioria das pessoas.

Em busca da identidade surda

Carol Padden e Tom Humphries são pesquisadores surdos estadunidenses com inúmeras obras publicadas sobre as experiências do Ser Surdo. Em uma delas “Os surdos na América. Vozes de uma cultura” (1990), eles retratam a vida que surdos levam, sua arte, sua cultura, suas conversas diárias, suas crenças compartilhadas, e as lições que ensinam entre si, uns aos outros.

Os autores demonstram que uma das características mais importantes de identificação dos surdos como um grupo é a língua de sinais. Em seu livro, repleto de histórias e depoimentos de surdos de várias idades, afirmam que embora a história da educação das crianças surdas na América e no mundo seja marcada pela quase total ignorância sobre sua forma de comunicação privilegiada, a língua de sinais sobrevive há muitos séculos, sendo considerada o símbolo cultural mais importante das pessoas surdas.

A exemplo desses dois pesquisadores estrangeiros que produziram obra pioneira em relação aos sentimentos, comportamentos e necessidades dos surdos americanos, com um enfoque diferente dos materiais disponíveis aos familiares, há vários pesquisadores surdos brasileiros mobilizados para a construção de uma literatura surda nacional.

Como agir diante de um filho surdo?

Myrna Salerno é pesquisadora surda, pioneira, da língua de sinais no Brasil. Em seus estudos ela denuncia o fato de que há pouco tempo, famílias ouvintes “escondiam” os filhos surdos pela “vergonha” de ter concebido uma criança fora dos padrões considerados normais. Com isso, muitos surdos não saíam de casa, ou só o faziam acompanhados dos pais. Assim como ocorreu com ela, a comunicação na família era muito difícil, pelo desconhecimento e não aceitação dos pais da língua de sinais. Myrna assegura que esse fato conduziu filhos surdos ao isolamento, gerando

MYRNA SALERNO MONTEIRO

Professora Auxiliar IV na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Especialista em Lingüística.

Co-autora do Livro: Libras em Contexto.

E-mail: mysurda@grad.ufsc.br

sérios problemas de comportamento, como nervosismo, agressividade e crises de identidade (MONTEIRO, 2006).

A falta de comunicação criou gerações de surdos passivos, conformados com o preconceito e a exclusão. No entanto, atualmente, há em nível mundial uma mobilização social de surdos e simpatizantes, organizados em associações e federações, que lutam para garantir seus direitos à língua de sinais e ao acesso ao conhecimento.

A pesquisadora acredita que muitas conquistas já foram efetivadas, mas que é na família que a transformação deve começar a acontecer. A principal luta é quanto à garantia que crianças surdas tenham a língua de sinais como língua materna, no seio familiar, e, posteriormente, seja lhes oferecido o direito de optar pelo uso da modalidade oral, além da obrigatoriedade do aprendizado da língua portuguesa escrita.

Pesquisadores surdos, como Tom, Carol e Myrna demonstram que por serem as crianças surdas nascidas, em mais de 90% dos casos, em lares de pais ouvintes, elas deixam de ter acesso à forma de linguagem mais importante para sua aprendizagem, o que acarreta sérios prejuízos em seu desenvolvimento infantil.

Como me comunicar plenamente com meu filho?

Os pais devem estar atentos a todos os movimentos realizados por seus filhos. Um gesto, uma apontação, a fixação do olhar para determinados objetos são, muitas vezes, a forma que os filhos encontram para informar que querem conhecer

sobre uma pessoa, ou situação. São sinais de intenção comunicativa que não podem ser desprezados.

Basta acompanharmos o que acontece com as crianças não surdas, desde o nascimento, para suprir as lacunas existentes no desenvolvimento da criança surda, se essas questões não forem consideradas. Crianças que ouvem recebem informações e interagem pela fala, aprendida naturalmente, tanto no ambiente familiar quanto em outros espaços sociais de formação, como é o caso das creches e pré-escolas. Já, no caso das crianças surdas, é fundamental que seus pais aprendam a língua de sinais, assim que souberem que seus filhos são surdos, para não haver prejuízos ao seu desenvolvimento e ao vínculo afetivo que estabelece as bases para uma personalidade sadia e positiva na infância.

Mas, o que é a Língua de Sinais?

A língua de sinais é a forma de comunicação dos surdos. É uma língua visual-espacial que, diferente das línguas orais-auditivas, como o português, se utiliza da visão para ser aprendida e de elementos corporais e faciais. As palavras, ou, como se referem os surdos, os “sinais”, são organizados em movimentos no espaço, para constituir unidades de sentido (FERNANDES, 2006a).

Os sinais podem representar qualquer dado da realidade social, não se reduzindo a um simples sistema de gestos naturais, como pensa a maioria das pessoas. Aliás, esse é o principal mito em relação à língua de sinais, pois, por utilizar as mãos e o corpo na comunicação, costuma-se compará-la à mímica, que é restrita a conteúdos concretos, que têm seu significado facilmente apreendido por quem observa.

Saiba mais

Língua Brasileira de Sinais – Libras. Esta sigla é difundida pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – Feneis – um órgão que defende os direitos dos surdos brasileiros.

Conheça um pouco mais sobre as atividades da Federação, em todo o Brasil: www.feneis.org.br



Saiba mais

A língua brasileira de sinais é uma língua visual-espacial articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo. Estudos sobre essa língua foram iniciados no Brasil por Gladis Knak Rehfeldt (A língua de sinais do Brasil, 1981). Há livros publicados por diferentes lingüistas que nos ajudam a conhecer melhor as características dessa língua: Ferreira-Brito (1993), Felipe & Monteiro (2001), Quadros & Karnopp (2004). Consulte as referências bibliográficas e tenha acesso às obras.

Saiba mais

A Língua Brasileira de Sinais – e de Libras foi oficializada no Brasil por meio da LEI Nº 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto Federal 5626/2005. Com a oficialização, as instituições de ensino devem garantir a inclusão da Libras como disciplina obrigatória nos cursos de formação professores e de fonoaudiólogos.

Conheça a lei na íntegra: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf>

A Libras não é uma língua incompleta, inferior ao português?

O mito de que a língua de sinais não permite a representação de palavras e conceitos abstratos faz com que pais e professores insistam na idéia de que todas crianças surdas devem aprender a falar, o que, quase sempre, não acontece.

Há pesquisas demonstrando que, em média, nos últimos cinquenta anos, apenas 15% das crianças surdas que ingressaram em programas de reabilitação da audição e da fala, aprenderam a falar. Esse aprendizado, no entanto, não é similar ao das crianças não surdas. Quase sempre, apenas a família e pessoas do círculo de relações da criança surda conseguem entender sua forma peculiar de expressão oral.

A principal implicação que esse mito tem para o desenvolvimento e aprendizagem dessas crianças, é que elas, ao serem impedidas de sinalizar, acabam por não aprender nenhum sistema lingüístico que lhes possibilite se comunicar e representar a realidade: nem a fala, nem a escrita e, a mais importante forma de comunicação para elas: a língua de sinais.

Qual será a língua materna de meu filho surdo?

Crianças que ouvem têm o português como língua materna, já que seus pais se comunicam com ela, muito antes que ela entenda uma palavra sequer, nessa língua. À medida que vão crescendo, ouvem muitas conversas na família e, mesmo que não saibam dizer uma palavra, entendem muitas das coisas que lhes são ditas, diariamente. Aprendem nomes de pessoas e objetos da casa, constroem hipóteses sobre o mundo que as cerca, aprendem limites e regras sobre o que é certo e errado, o que podem e não podem fazer, em determinadas situações. Ou seja, são as primeiras lições para conviver em sociedade, fazer amigos, ser aceito pelo grupo.

O aprendizado mais importante dessa fase é que as crianças se sentem membros daquele grupo de referência; elas se sentem parte de uma família, a qual pertencem.

Como a grande maioria das crianças surdas são filhas de pais não surdos e como o português não pode ser aprendido naturalmente, devido ao impedimento auditivo, permanecem em uma condição de carência lingüística e de informações durante toda a infância, até que cheguem à escola e aprendam a língua de sinais com outros surdos e seus professores (FERNANDES, 2006).

Assim, mesmo que os pais não dominem completamente a Libras e estejam se esforçando para que isso aconteça, é fundamental que as interações na família priorizem a comunicação gestual, as apontações, as fotos, os desenhos e todas as possibilidades de comunicação visual que estiverem ao alcance dos pais.

É comum que em casa pais ouvintes e crianças surdas criem um sistema gestual de comunicação próprio, cujos códigos geralmente têm seus sentidos negociados apenas no restrito grupo familiar, não servindo a contextos mais abrangentes de interação. No entanto, é necessário que ela conheça a língua de sinais convencional, com a qual poderá se comunicar com quaisquer pessoas que a dominem no território brasileiro, sejam surdas ou não.

Ainda que seja difícil para os pais compreenderem, o contato com surdos adultos, que já dominam a língua de sinais, será imprescindível e facilitará a imersão da criança nesse ambiente lingüístico que as crianças que ouvem vivenciam, naturalmente, em sociedade. Nos Estados Unidos, experiências de contratação de babás surdas nas famílias que dispõem de condições para esse serviço têm apresentado ótimos resultados para essa finalidade.

É uma das formas para garantir que a língua materna seja a Libras, ainda que os pais sejam falantes da língua portuguesa.

E se os pais forem surdos também, como será o desenvolvimento da criança?

Inúmeros estudos de pesquisadores, no mundo todo, desenvolvidos com crianças surdas filhas de pais surdos, ou que desde o primeiro ano de vida tiveram contato com a língua de sinais, demonstram que elas passam por todas as etapas de aquisição da linguagem, sem prejuízos. Isso demonstra que para o cérebro não importa se a língua é falada ou sinalizada, pois o importante é que haja um sistema lingüístico organizado em regras convencionais para a representação da realidade.

Essa língua, fruto da convenção social, possibilitará a formação de conceitos e a compreensão da necessidade de também aprender o português, língua da grande maioria das pessoas que nascem no Brasil, o que caracteriza o **bilingüismo** dos surdos (FERNANDES, 2006 c).

Portanto, para que não haja barreiras de comunicação entre pais e filhos surdos a língua de sinais construirá o elo de interação e o vínculo afetivo familiar e possibilitará o aprendizado da língua portuguesa, para ampliara seu círculo de relações sociais.

Pense nisso!

Você sabia que crianças surdas, filhas de pais surdos, que desde o nascimento estiveram expostas à língua de sinais, têm um desenvolvimento lingüístico, cognitivo, afetivo e social adequados, demonstrando melhores resultados nas atividades escolares, menores dificuldades em aprender o português e menor incidência de problemas emocionais na adolescência, em relação àquelas que não tiveram acesso à língua de sinais na infância?

Aprendendo a língua de sinais os pais ampliam as possibilidades de oferecer informações e conhecimentos às crianças, antes mesmo de elas chegarem à escola.

Sabemos que a participação dos pais estabelecendo uma relação de confiança mútua com os filhos surdos contribui para a elevação da auto-estima e para que eles não se sintam diferentes, rejeitados, ou incapazes ao ingressarem em uma escola e iniciar os primeiros contatos com a leitura e escrita.

Então meu filho surdo deverá aprender duas línguas na escola?

É exatamente essa a principal mensagem que pais de crianças surdas devem aprender. Seu filho surdo, impedido de aprender a falar, pela perda auditiva que apresenta, terá um potencial para aprender uma língua visual–espacial: a língua brasileira de sinais. A Libras, aprendida no período de 0 a 3 anos, ou assim que a surdez for diagnosticada, possibilitará um desenvolvimento nos mesmos padrões das crianças ouvintes. Depois disso, poderá aprender outras línguas, como o português e o inglês, além de línguas de sinais de outros países, se tiver a oportunidade, caracterizando uma situação de bilingüismo.

Bilingüismo??? Mas esse termo não se refere a estrangeiros????

Carlos Sánchez, um famoso médico venezuelano e estudioso da educação de crianças surdas, afirma que a notícia mais importante a ser comunicada aos pais, no momento do diagnóstico da surdez é que eles têm um filho “estrangeiro”.

Ele relata que, em seu consultório, no momento de informar o diagnóstico de surdez de um filho aos pais, ele costumava oferecer uma explicação muito clara e simples: ter um filho surdo equivalia a acolher um “estrangeiro” no seio familiar.

Essa explicação, embora estranha, ajudava os pais a entenderem que, mesmo nascendo no país, a aprendizagem de seu idioma como língua materna estaria inviabilizada pela surdez. Assim, para que a criança surda se sentisse integrada à família era preciso que os pais aprendessem o quanto antes, e da melhor maneira possível, a língua de sinais, que lhes permitiriam se comunicarem com seu filho. Para o médico, essa condição, aliada à possibilidade de contato e interlocução com surdos adultos, cria um ambiente lingüístico favorável à comunicação e à interação, já na infância.

Segundo Sánchez (1993), essa constatação eliminaria metade dos problemas a que têm sido submetidas às crianças surdas e suas famílias. Ao compreender que seus filhos NÃO SÃO DEFICIENTES (mesmo que possuam uma perda auditiva), mas necessitam de uma outra língua para sua comunicação e desenvolvimento, assim como estrangeiros, imigrantes, ou grupos indígenas, os pais receberiam a notícia de forma menos sofrida e mais equilibrada para tomar as decisões acertadas.

O que significa educação bilíngüe para surdos?

Em uma situação de bilingüismo considerada ideal, as crianças surdas deveriam aprender, a língua de sinais como língua materna, no ambiente familiar, e ter plenamente desenvolvida suas necessidades de comunicação, sem barreiras ou impedimentos, por meio da interação em uma língua de modalidade visual (para ser aprendida) e espacial (para ser produzida).

A partir dessa base lingüística consolidada, o português seria ensinado na escola, com base em metodologias de ensino de segundas línguas, desde a educação infantil, de zero a seis anos.

Diante dessa situação, é que atualmente as políticas oficiais emanadas pelo Ministério da Educação, apontam que a educação dos surdos deva ser **bilíngüe**, assegurando o direito de acesso à Libras e à língua portuguesa escrita, ensinadas no contraturno com a participação de educadores surdos e professores bilíngües. A modalidade oral da língua portuguesa seria ensinada aos surdos, desde que por sua opção ou de seus familiares, em período diferente da escolarização por fonoaudiólogos habilitados.

Onde posso aprender a língua de sinais?

Os pais podem aprender a língua de sinais estando em contato com surdos adultos que a utilizam, ou realizando cursos de Libras. Há diversos materiais disponíveis no mercado que possibilitam a aprendizagem da Libras, como vídeos, DVD's e dicionários digitais e impressos. Todos esses materiais são produzidos com a participação direta de educadores surdos e outros especialistas é uma excelente ferramenta de apoio ao aprendizado de Libras, por contar com jogos didáticos e atividades lúdicas, bastante apropriadas à interação de pais e filhos surdos.

Conheça alguns sites interessantes:

www.libraselegal.com.br

www.libras.org.br

www.acessobrasil.org.br

Diante do diagnóstico da surdez, onde posso buscar apoio de profissionais bilíngües?

Assim que os pais tiverem comprovada a surdez de seu filho, é fundamental que algumas atitudes sejam tomadas para viabilizar o acesso à língua de sinais por meio do contato com os pares jovens e adultos surdos, o mais rapidamente possível. Isso pode ser realizado por meio:

- do contato com associações de surdos, com a Feneis, com a Pastoral de Surdos e Ministérios de Surdos em igrejas evangélicas, entre outras possibilidades;

- de informações na Secretaria de Educação ou de setores descentralizados desse Órgão, como Núcleos Regionais, ou Delegacias de Ensino, para verificar a oferta de cursos de língua de sinais em sua comunidade;
- visitas a escolas ou outros estabelecimentos especializados que trabalham com a proposta bilíngüe, pois lá estão os professores e instrutores surdos que atuarão como modelos lingüísticos e culturais indispensáveis à convivência das crianças surdas na infância.

Dessa forma, além de se sentir acolhida pela família, a criança surda desenvolve o sentimento de pertencimento, de identificação com seus pares, tão necessários ao fortalecimento de sua identidade surda. Do contrário, essa identificação é inexistente ou dispersa, originando problemas emocionais que, provavelmente, trarão marcas definitivas à sua personalidade. É o que costumamos ouvir de surdos adultos em seus relatos sobre uma infância sem contato com outros surdos e com a língua de sinais.

Saiba mais

O **Kit Libras é Legal**(www.libraselegal.com.br) foi distribuído à comunidade escolar, desde 2003, por meio de parcerias entre a Petrobrás, Feneis e Secretarias de Educação da Região sul do país. Nesta fase, outros interessados poderão adquiri-lo e conhecer aspectos culturais e lingüísticos das comunidades surdas.

Outros *links* que disponibilizam materiais sobre Libras são:

http://www.sj.cefetsc.edu.br/~nepes/nepes_historico.htm

Clássicos da literatura em Libras, dicionários, livros on line:

<http://www.editora-arara-azul.com.br/>

O que é identidade surda?

A doutora em educação, **Gladis Perlin**, a primeira professora surda de uma Universidade Federal brasileira – a UFSC – tem vários trabalhos publicados sobre

GLADIS PERLIN

Mestre e Doutora em Educação pela UFRGS, Professora Adjunta no Centro de Ciências da Educação da UFSC. Pesquisadora FUNPESQ. Linha de pesquisa Educação e Processos Inclusivos.
Seu e-mail: gladis@ced.ufsc.br

essa questão da falta de referências de elementos produzidos no interior das comunidades surdas e que só são conhecidos pelas crianças quando se

tornam adultos.

Para ela, a falta de contato com aspectos culturais das pessoas surdas, faz com que as crianças não se reconheçam como diferentes, mas como limitadas,

deficientes e incapazes. Assim, sentem-se divididas entre um mundo de sons (irreconhecíveis) e fala (que reconhecem como movimentos labiais), do qual não se sentem parte, e um mundo de imagens e experiências visuais a povoar seu pensamento, que não são explicadas em uma língua que elas possam compreender. Essa língua seria a língua de sinais.

A pesquisadora afirma que os surdos têm sua identidade construída na experiência visual, nas trocas com outros surdos. Eles precisam da vivência e acolhida familiar, mas também da identificação com outros pares que tenham a mesma percepção de mundo que eles.

Em seus artigos (1998, 2006), Gladis declara que não incluir a criança surda entre crianças surdas e incluí-la apenas em grupos de crianças ouvintes é o mesmo que excluí-la.

Meu filho surdo poderá aprender a ler e escrever?

Fabiano Souto Rosa, é estudante do curso de mestrado em educação, na UFSC, e traz um depoimento importante sobre a necessidade de os pais não privarem os surdos de práticas comuns com filhos ouvintes e que são interrompidas quando se descobre que um filho é surdo.

Como filho ouvinte de pais surdos, que passou por várias privações desse ambiente de letramento na infância, ele destaca a contação de histórias infantis como imprescindível ao futuro domínio da leitura pelos surdos.

FABIANO SOUTO ROSA

Pedagogo, surdo, mestrando na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Centro de Ciência da Educação – CED da linha de pesquisa Educação e Processos Inclusivos.

Designer Instrucional – DI do Curso de Licenciatura LETRAS/LIBRAS da UFSC.

e-mail: fabiano@ead.ufsc.br fabisouto1@yahoo.com.br.

Para Fabiano, as crianças surdas precisam de contatos com livros para ampliar seus conhecimentos sobre o mundo. Indica que um caminho excelente para atingir esse objetivo é o contato com a

literatura infantil, pois as imagens e o colorido dos livros beneficiam a experiência visual dos surdos.

Seu conselho para os pais é que as crianças precisam criar em casa uma relação afetiva com os livros, construída com a família através da língua de sinais. Ele nos chama a atenção que a maioria dos pais não sabe como ensinar as crianças

surdas, pois ignoram a importância da Libras, o que dificulta a comunicação e o compartilhar de informações.

Além disso, é comum que pais trabalhadores não tenham tempo para os filhos. Em casa, as crianças surdas passam a maior parte do tempo com babás, familiares e irmãos não sinalizadores. Essas interações se dão predominantemente na língua oral e, mesmo durante as brincadeiras, o conhecimento de mundo da criança é limitado aos pouquíssimos gestos que acompanham a fala.

Fabiano faz parte de um grupo de pesquisa que já publicou quatro livros de literatura surda, por meio da adaptação dos clássicos da literatura infantil: Cinderela Surda, Rapunzel Surda, O Patinho Surdo e Adão e Eva. Todas essas adaptações trazem o foco da narrativa para a experiência visual e lingüística diferenciada dos surdos.

Ele tem como objetivo criar materiais que discutam a cultura surda, a identidade surda e a língua de sinais para assegurar que as crianças surdas se interessem pela leitura, desde cedo, e tenham sucesso em seu processo de inclusão escolar (SOUZA, 2006).

Meu filho deve estudar em escolas regulares ou especiais?

Esse é um assunto bastante polêmico que envolve diretamente as famílias, pois se elas não conhecerem os direitos sociais dos filhos surdos, certamente as crianças serão desrespeitadas em suas diferenças lingüísticas na escola, gerando dificuldades e uma história de fracasso em seu processo de escolarização.

Por não conhecerem a legislação, os pais muitas vezes sentem-se impotentes e sem argumentos quando uma porta lhes é fechada e uma oportunidade negada ao filho surdo na escola.

A educação escolar representa o caminho mais seguro para a independência e autonomia de seus filhos surdos e, posteriormente, seu ingresso no mercado de trabalho, com a qualificação necessária à profissionalização.

Atualmente, a legislação é clara quanto ao direito de os surdos receberem educação bilíngüe, seja na escola regular, seja nas conhecidas escolas especiais (que, pela legislação, devem ser bilíngües).

Para que seus filhos sejam respeitados em sua diferença lingüística, os sistemas de ensino estão se preparando para a formação e qualificação de três profissionais:

- **Professor ou instrutor de Libras** – profissional, preferencialmente surdo, responsável pelo ensino da língua de sinais às crianças e jovens surdos, que atua no contraturno, complementando o processo educacional formal, desde a Educação Infantil. Além dessa função, é o responsável pela disseminação de Libras à comunidades escolar, como segunda língua.
- **Professor bilíngüe** – é o professor especializado que possui conhecimento em Libras e, por meio dela, desenvolve práticas de letramento que permitirão ao aluno surdo aprender o português escrito, como segunda língua, no currículo escolar.
- **Tradutor e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa** – profissional que atua no contexto regular de ensino, oferecendo suporte técnico-pedagógico à escolarização de alunos surdos, por meio da interpretação/tradução da Libras/Língua Portuguesa, de modo a assegurar o desenvolvimento da proposta de educação bilíngüe.

Os profissionais acima referidos ainda encontram-se em formação e, muitas vezes, embora haja respaldo legal em todo o fluxo de escolarização do surdo, essa é uma realidade distante na maioria das localidades.

Saiba mais sobre a Legislação e os direitos educacionais dos surdos :

Lei de Acessibilidade - 10.098/2000 – promove a acessibilidade nos sistemas de comunicação e sinalização nos diferentes segmentos sociais.

Resolução nº 02/2001 – Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica e assegura a educação bilíngüe e os profissionais intérpretes.

Lei n. 10.436/ 2002 – Oficializa a Língua Brasileira de Sinais – Libras

Portaria n. 3284/03 – Dispõe sobre a acessibilidade dos surdos nas universidades brasileiras.

Decreto n. 5.626/2005 – Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e – Libras.

Para acesso ao conteúdo das leis, consulte:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/index.php?option=content&task=view&id=159&Itemid=311>

Atualmente, o processo educacional dos surdos é muito diversificado, nas diferentes regiões. Há escolas especiais que ainda proíbem a utilização dos sinais durante as aulas, apesar de todas as evidências científicas demonstrando sua necessidade; há escolas especiais bilíngües em que a mediação da Libras é reconhecida como essencial para acesso aos conteúdos escolares, ainda que os professores estejam em processo de formação bilíngüe, há escolas regulares com intérpretes e outras que, mesmo sem intérpretes, reconhecem a necessidade de uma postura diferenciada diante das singularidades dos alunos surdos em seu aprendizado; e, por mais que estejamos convictos da necessidade da mudança, aquelas em que os alunos surdos continuam ignorados em um canto da sala de aula, apenas “incluídos” entre os demais, como se sua diferença não existisse.

A inclusão escolar dos surdos é possível?

Desde que entendamos que, para as crianças surdas, inclusão escolar significa o direito à educação bilíngüe nossa resposta para essa questão é SIM.

KARIN LILIAN STROBEL

Pedagoga e mestranda em Educação pela
Universidade Federal de Santa Catarina.
e-mail: kstrobel@uol.com.br

Karin Strobel, doutoranda em educação pela UFSC, em muitas de suas narrativas esclarece aos pais sobre a necessidade de lutarem por uma educação de qualidade

para seus filhos surdos, ressaltando a importância central da língua de sinais nesse processo.

A partir de experiência como única surda em escolas de ouvintes durante sua trajetória escolar, ela fala das inúmeras dificuldades em tentar acompanhar aulas preparadas para atingir alunos que falam e escutam.

A cansativa e ineficaz tentativa de acompanhar a explicação do professor pela leitura labial, a discriminação por não “falar” e ler corretamente em voz alta, a dificuldade em acompanhar as discussões e debates dos demais alunos e a falta de pares surdos para compartilhar experiências, foram algumas das penosas experiências que ela viveu e que muitas crianças surdas continuam passando pela falta de profissionais capacitados nas escolas.

Isso significa que os pais não podem se calar diante da negação do direito de seus filhos a receber instrução em uma língua que lhes seja compreensível, o que compreende a presença de professores bilíngües, de intérpretes de libras/língua portuguesa nas salas de aula, professores surdos de língua de sinais e serviços de apoio especializado, oferecidos no contraturno para a complementação curricular de seus filhos. Mesmo que estejamos em um processo gradativo de implantação da educação bilíngüe, é necessário conhecer seus direitos legais.

Karin sempre estudou em escolas regulares, caminho aberto a duras penas pela sua família, principalmente sua mãe, que sempre a incentivou a lutar pelo seu espaço, mesmo que as condições não fossem favoráveis.

Ela alerta a todos sobre o perigo das atuais propostas governamentais de inclusão que simplesmente colocam o aluno surdo na sala de aula, com professores sem capacitação. Em sua maioria, os professores, ao não saberem como se comunicar com os surdos, os tratam como “retardados”, poupando-lhes dos conteúdos escolares mais complexos, fazendo-os apenas copiar sem compreensão, o que os “empurra” de uma série para outra sem aprendizagem efetiva, ou, pior, os faz reprovar ano após ano.

Denuncia, também, que muitos surdos concluem o Ensino Médio sem saber escrever sequer um bilhete. Com o diploma na mão, mas sem conhecimento real, acabam por não conseguirem um emprego digno que lhes permita a sobrevivência com autonomia.

Em que países o bilingüismo dos surdos pode ser comprovado?

As experiências pioneiras de bilingüismo nas escolas podem ser conhecidas pelos relatos de educadores dinamarqueses e suecos, iniciadas na década de 1980. No entanto, muitos outros países europeus, norte-americanos e sul-americanos estão se esforçando para que essa realidade se efetive. Mesmo no Brasil, identificamos experiências bilíngües em andamento, de norte a sul do país.

Mariane Stumpf, Doutora em Informática, é uma jovem surda brasileira que por ser pesquisadora da escrita da libras (*SignWriting*) foi convidada a participar de uma pesquisa sobre a forma gráfica para a Língua de Sinais Francesa e relata, em um de seus depoimentos, impressões sobre o ensino bilíngüe para surdos na

MARIANNE ROSSI STUMPF

Doutorado em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Especialização em Administração de Projetos Sociais; Coordenadora do Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina
stumpf@qbnet.com.br

França.

Ela nos esclarece em que aspectos o sistema educacional francês está bastante avançado em relação ao bilingüismo brasileiro. Lá, desde que um aluno surdo esteja matriculado na escola regular, a língua de sinais é ensinada a todas as crianças, por professores surdos.

Em sua visita ao país, muitas vezes ficou confusa em identificar quais seriam as crianças surdas e não surdas, já que todos utilizavam a língua de sinais em sala de aula. Para Mariane, a experiência demonstrou como efetivar a inclusão pela aceitação e respeito das diferenças, ainda que os surdos sejam uma minoria (STUMPF, 2006).

Meu filho surdo pode ser um vencedor...

É inegável a importância que o ambiente familiar ocupa no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, pois é nele que são construídas e fortalecidas as bases da personalidade do futuro adulto. É com a família que aprendemos crenças, regras e atitudes que nos possibilitarão ampliar nossas relações sociais e interiorizar conceitos e valores que nos acompanharão pela vida afora.

Os pilares desse aprendizado se consolidam em um espaço muito curto de tempo, geralmente dos zero aos seis anos, e são ampliados e enriquecidos com as experiências que serão vividas em outros círculos sociais, destacando-se a escola como a instituição que irá contribuir para a formação inicial dada pela família.

Tibiriçá Maineri, líder surdo e professor, nos oferece um depoimento da

TIBIRIÇÁ VIANNA MAINERI

Pedagogo formado pela ULBRA
Professor de Língua de Sinais e Cultura Surda na
Escola de 1º e 2º graus de Helen Keller – Caxias do Sul
Presidente Conselho Municipal de Defesa dos Direitos
das Pessoas com Deficiência.
Caxias do Sul
Professor de Língua de Sinais na Faculdade Fátima de
Caxias do Sul.

importância da família para a superação de possíveis dificuldades enfrentadas por pessoas surdas: “Iniciei meus estudos em uma Escola Especial para surdos, com uma abordagem de educação

oralista³. A partir da 5ª série até o Ensino Médio sempre estudei na rede regular de ensino e, apesar de muitas barreiras e dificuldades em acompanhar as aulas, consegui concluir o ensino superior.

Minha família sempre me incentivou a buscar meus ideais. Embora não dominassem a língua de sinais, esforçavam-se para que existisse uma comunicação efetiva entre nós. O grande desejo dos meus pais sempre foi que eu tivesse independência nos caminhos que deveria seguir. Na verdade, o que eles desejavam era minha autonomia.

Hoje, meu ideal de vida é lutar e defender os direitos e deveres dos surdos e não só deles, mas de todas as pessoas que apresentam necessidades especiais, procurando garantir uma educação com qualidade e oportunidades justas de emprego.

Meu recado aos pais é que aprendam a se comunicar com seus filhos aprendendo a língua de sinais e participando ativamente com eles na comunidade surda, pois as crianças surdas que possuem uma verdadeira comunicação com suas famílias e vivências ricas e saudáveis, com certeza, irão construir um futuro e um mundo melhor.

Sem sombra de dúvida, a maior dificuldade encontrada para a mudança no processo educacional é a percepção dos surdos como sujeitos limitados, incapazes e deficientes que, por não falarem, não podem pensar e, portanto, estão condenados à dependência familiar, por toda a vida.

Para mudar essa concepção precisamos nos despir de preconceitos e aprender sobre o modo de ver e representar o mundo pelos surdos determinados

³ O Oralismo é uma filosofia educacional, vigente durante o último século, que tem como princípios a reabilitação da audição e da fala com auxílio de aparelhos auditivos. Nessa abordagem a língua de sinais é proibida em sala de aula.

pelas experiências visuais que vivencia. Entretanto, não devemos nos esquecer que esse não é um processo simples e sem dificuldades.

São inegáveis os fatores de exclusão econômica a que estamos todos submetidos, independentemente de sermos ou não surdos, próprios dessa época de globalização do capitalismo. Para os surdos, além dessa realidade, acentua-se a exclusão cultural e social, já que as interações e acesso ao conhecimento dependem predominantemente da audição e da oralidade.

Tentamos mostrar a vocês, pais, pelas vozes de pessoas surdas bem sucedidas, emprestadas a este texto, que também seus filhos poderão vencer, desde que vocês se importem com eles. Eles necessitam se sentir cuidados, valorizados e até diferentes, mas jamais incapazes.

A necessidade de ser aceito e respeitado passa pela aceitação da Libras e pelo esforço que você fará em aprendê-la. Por tudo o que foi dito, sabe-se que a dor pelo isolamento em um mundo cercado de barreiras de comunicação pode levar os filhos surdos a buscarem o suporte que não encontram na família, fora de casa.

São muitas as curiosidades que os cercam na infância e na adolescência: as drogas, a violência, a descobertas da sexualidade, o primeiro amor, as diferenças sociais. Se não forem os pais a orientar e explicar as regras e limites necessários para a vida em sociedade, outros se encarregarão disso.

Se sempre que necessitarem compartilhar as ansiedades, temores, desejos e frustrações que lhes acometem, esbarrarem no silêncio e na incompreensão, seus filhos surdos buscarão alguém que os “escutem” em algum lugar.

Geralmente, serão seus pares surdos, a comunidade surda, como eles a denominam, a ocupar o espaço vazio que a família deixou. Se em sua busca encontrarem modelos saudáveis e equilibrados, terão a sorte (é quase mesmo como uma loteria) de se fazerem adultos responsáveis, com valores morais e éticos positivos.

Caso contrário, serão adolescentes problemáticos, transtornados e provavelmente, adultos imaturos e despreparados para a vida com independência e autonomia, possíveis marginais, reforçando os mitos de incapacidade que cercam as pessoas surdas na sociedade.

Ainda é tempo de reatar os laços da comunicação com seu filho. Esse será o primeiro passo para o sucesso de sua relação!

RESUMINDO NOSSA CONVERSA...

A aceitação é o primeiro passo...

Seu filho só será aceito e respeitado na sociedade, se essa for uma prática familiar. Como qualquer criança, seu filho surdo precisa se sentir amado e acolhido em casa como seus irmãos. Ele necessita das mesmas oportunidades básicas de qualquer criança. Conversem e brinquem com ele, ensinem regras, hábitos de higiene, alimentação e comportamentos sociais de uma forma que ele possa entender. Não tenham vergonha de mostrá-lo ao mundo!

Bebês surdos são visuais

No que se refere à linguagem, até aproximadamente 4 meses, bebês surdos se comportam exatamente do mesmo modo que bebês ouvintes, inclusive produzindo vocalizações e sons universais. A partir desse período, a gesticulação predomina e sua atenção está totalmente voltada aos estímulos visuais do ambiente. Muitas vezes os pais acreditam que eles escutam, pois reagem à batida de portas ou à estímulos sonoros produzidos por pessoas e objetos no ambiente. Na verdade, isso ocorre porque, como são extremamente visuais, o que lhes chama a atenção para o ocorrido é o **movimento** produzido a sua volta, e não o barulho. Do mesmo modo, quando são produzidas vibrações no assoalho, ou em objetos próximos eles podem senti-las pelo tato, confundindo os pais despreparados.

Meu bebê pode tudo






O desenvolvimento de seu bebê seguirá as mesmas fases previstas para as demais crianças em relação aos comportamentos motores como sentar, apontar, bater palminhas, dar tchau, engatinhar e andar. Apenas as aprendizagens dependentes da audição é que estarão comprometidas, destacando-se a fala neste aspecto. Por isso, estimule-o normalmente a pegar objetos, movimentar-se no ambiente, conhecer o seu corpo e espaços a sua volta. A menos que haja outras deficiências associadas à surdez, seu bebê pode aprender qualquer coisa no mesmo tempo que as demais crianças, se for estimulado para que isso aconteça.

Desenvolva uma forma de linguagem

Pais e familiares devem se esforçar para desenvolver uma forma de comunicação que priorize o corpo e a visão: use gestos, apontações, dramatizações, desenhos, fotos...Até que possam aprender a língua de sinais essa base de linguagem possibilitará a criação de vínculos e interação em seu grupo familiar. Orgulhe-se de poder compreender e educar seu filho, mesmo que ele não possa aprender a falar.

Brincando com meu filho surdo

A pedagoga Daniele Nunes Henrique Silva, em seu livro **Como Brincam as Crianças Surdas**, da Editora Plexus, ressalta a importância de se conhecer a língua dos sinais para entrar na fantasia com os amiguinhos e se igualar a eles no desenvolvimento intelectual. Conheça algumas questões importantes que ela descobriu:

-  A pressão do mundo ouvinte é grande sobre a criança surda e ela quer entendê-lo. Uma das formas de fazer isso é brincando, e quando conhece a língua brasileira de sinais, esse universo da brincadeira fica mais amplo.
-  A criança surda organiza a brincadeira de um jeito diferente, porque utiliza as mãos para tudo, fazer sinais, gestos e compor expressões corporais. Para a criança surda que não domina a língua de sinais, a brincadeira fica difícil porque ela não consegue passar sua idéia para o outro.
-  Não é preciso ensinar uma criança surda a brincar, basta lhe dar ferramentas para se comunicar, para que ele faça fluir sua imaginação.
-  A criança surda brinca da mesma forma que as outras. A diferença está na maneira de se comunicar. No caso da criança surda, os sinais são as palavras. Por meio da palavra, ambas entram no mundo do faz-de-conta.
-  O faz-de-conta, que começa por volta dos 2 anos, é a base de todo raciocínio da criança e o fundamento de todo pensamento simbólico, abstrato e representativo. Se ela não aprende a língua dos sinais, o faz-de-conta não acontece.

(Revista CRESCER, 2003)

Confie em sua intuição

Não fazemos cursos de preparação para sermos pais ou mães. Aprendemos a ser, sendo, errando e acertando com nossas próprias experiências. Assim, lembre-se daquilo que deu certo em sua educação e de outras crianças que você conhece. Pais de primeira viagem costumam superproteger seus filhos, impedindo que eles sejam independentes, cometam erros e aprendam a tomar decisões. Essa situação tende a piorar quando, além de todas as aprendizagens comuns na criação de um filho, temos que lidar com a diferença que a surdez acarreta na comunicação. Confie

em sua intuição do que esse pequeno ser, que depende de você neste momento, necessitará para ser um adulto equilibrado e independente. Geralmente acertamos agindo assim.

Compartilhe experiências

Procure saber se há associações de surdos ou outras organizações comunitárias como igrejas, pastorais, ministérios, entre outras possibilidades, para se aproximar de outras famílias que já passaram ou estão passando pela experiência de educar filhos surdos. Isso auxilia a superar aqueles momentos difíceis de culpa e frustração, ao saber que não estão sozinhos.

A escolha da escola

Filhos surdos, como quaisquer outros, precisam freqüentar creches e escolas. Procure os órgãos responsáveis pela educação especial em seu município para saber que alternativas você dispõe: creches, centros de educação infantil, escolas especiais. Quanto mais cedo a criança puder conviver com seus pares surdos e professores especializados, melhores condições de aprendizagem e desenvolvimento ela terá. Não esqueça que há diferentes filosofias na educação de surdos. O bilingüismo tem sido apontado pelos próprios surdos como o melhor caminho. Não esqueça dos depoimentos dos surdos adultos sobre seu sofrimento na infância, ao serem proibidos de sinalizar para se expressar, ao tomar a decisão sobre a melhor escola.

O ensino da fala

Caso a família demonstre interesse em oferecer a oportunidade da aprendizagem da fala, informe-se sobre os serviços da saúde disponíveis em sua comunidade que oferecem esse serviço. O profissional responsável por esse trabalho é o fonoaudiólogo que poderá atuar em clínicas particulares, postos de saúde ou em escolas especiais, fazendo atendimentos no turno contrário ao da escolarização do aluno surdo. Atualmente, muitos fonoaudiólogos conhecem a língua de sinais e a utilizam como base para o ensino da fala. Lembre-se apenas que nem todos os

surdos apresentam resultados positivos nessa tarefa. Como há vários fatores individuais influenciando esse aprendizado, como grau de perda, idade em que ocorreu a surdez, capacidade de atenção e concentração, acompanhamento familiar sistemático, entre outros, é necessário avaliar se seu filho surdo apresenta as condições exigidas para essa tarefa. O mais importante é não criar falsas expectativas que apenas demandarão mais frustrações aos pais e à criança.

Recapitulando:

Oralismo – é a filosofia educacional voltada exclusivamente ao ensino do português oral e escrito às crianças surdas. Nas escolas que adotam essa perspectiva, não são permitidos sinais durante as aulas.

Educação bilíngüe – proposta educacional que parte do princípio do aprendizado da língua de sinais como primeira língua, no período de zero a seis anos. A partir dessa base lingüística, inicia-se o aprendizado do português escrito com metodologias de ensino de segunda língua, a partir dos três anos. Caso seja opção dos pais, o português oral será ensinado em período contrário à escolarização, sob a responsabilidade de fonoaudiólogos com experiência nessa tarefa.

A surdez e a sexualidade

A sexualidade faz parte da natureza humana e assume grande força na adolescência, quando há uma explosão de hormônios nas crianças e jovens. Atualmente, não cabe apenas à família a responsabilidade da orientação sexual, pois a sexualidade é revelada em diferentes fontes de informação: a TV, as revistas, a internet, os jogos, a escola, os amigos.

A psicóloga Amparo Caridade (2006) utiliza a metáfora do escultor para comparar a ação do educador sexual, sejam pais, professores ou outras pessoas que ocupem essa função: “esculpimos o sujeito e o inserimos no mundo, como uma obra de arte que ajudamos a emergir da matéria prima”. A tarefa dos pais, portanto, é a de filtrar esse grande número de informações, muitas vezes contraditórias, retirando os excessos e ensinando regras para vivência dessa fase de transformações, de forma prazerosa. Não adianta proibir ou fingir que nada está acontecendo com seu filho, isso pode gerar o efeito contrário e tornar-se um estimulante, dada que a sexualidade é uma das formas de energia para buscar o prazer. Debater valores que permitam que o jovem encontre o momento e as formas mais adequadas de viver sua sexualidade é o caminho mais adequado para produzirmos uma “bela

escultura”. A língua de sinais será indispensável para que esse diálogo se estabeleça efetivamente.

SURDO-MUDO: APAGUE ESTA IDÉIA!

Esse é um slogan utilizado pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – Feneis para conscientizar as pessoas acerca da terminologia mais adequada para se referir às pessoas que não ouvem.

Sabemos que o modo de designar um grupo de pessoas reflete nossa visão sobre elas e, em alguns casos, revela nosso preconceito e desconhecimento acerca de sua realidade.

A expressão “surdo-mudo” ou “mudinho”, embora muito usada, é pejorativa e exemplifica uma visão preconceituosa sobre as pessoas surdas. Os surdos não são mudos, apenas não falam porque não ouvem, mas têm o aparelho fonoarticulatório em plenas condições de funcionamento para a produção vocal, se for o caso. Há serviços de reabilitação oral, desenvolvidos por fonoaudiólogos, que têm como objetivo o desenvolvimento da oralidade, caso as pessoas surdas optem por aprender essa modalidade de comunicação.

QUAL A RELAÇÃO ENTRE O ALFABETO MANUAL E A LÍNGUA DE SINAIS?

Embora seja comum as pessoas pensarem que os surdos comunicam-se soletrando as palavras do português, utilizando-se do alfabeto manual, esse é mais um mito a ser superado.

O alfabeto manual é apenas um recurso utilizado para soletrar nomes próprios, realizar empréstimos lingüísticos (em função do estreito contato, predominantemente do português), para soletrar sinais desconhecidos por aprendizes da Libras e verificar a ortografia de palavras do português, entre outras possibilidades.

A EDUCAÇÃO BILÍNGÜE PARA SURDOS

Com a oficialização da Libras, em território nacional, exige-se a reorganização dos sistemas de ensino para a oferta de **educação bilíngüe para surdos**, ou seja, a Libras, como língua de interação e instrução, desde a Educação Infantil, seguida da modalidade escrita da língua portuguesa, ensinada com metodologias de ensino de segunda língua. Essa situação, entre outros aspectos, exige a formação de

professores bilíngües e profissionais tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa para atuação no contexto educacional e outros segmentos sociais.

Saiba mais:

Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos

www.feneis.com.br

Grupo de Estudos Surdos - UFSC

www.ges.ced.ufsc.br

REFERÊNCIAS

CARIDADE, Amparo. Sexualidade, sentimento e sentido de vida: o educador como escultor do sujeito sexual. In: **Anais do II Simpósio de Sexualidade e Educação Sexual**. Educação sexual na riqueza da diversidade humana. Londrina - PR: UEL, 14 a 16/09/2006.

COLL. C., PALACIOS J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto alegre: Artes Médicas.

FERNANDES. Educação bilíngüe para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios. Tese de Doutorado, UFPR, 2003.

FERNANDES, S. Bons sinais. In: REVISTA **Discutindo Língua Portuguesa**. São Paulo: Escala Editorial, 2006d. Ano I, V. 4.

FERNANDES, Sueli. **Educação de surdos**. Curitiba: Editora IBPEX, 2007.

KARNOPP, Lodenir B. Produções do período pré-lingüístico. In: SKLIAR, Carlos (Org.) **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. 2 v.

KNISLEY, Emily Perl. Bem vindo à Holanda (1987) Disponível em: <http://www.defnet.org.br/holanda.htm>

Lei Federal n. 10.436 de 22 abril de 2002. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf>

MONTEIRO, MYRNA SALERNO História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. In ETD - Educação temática digital.

Educação de Surdos e Língua de Sinais. Disponível em <http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=128&layout=abstract>

MOURA M. C.; LODI, A. C. B; M.C.C. PEREIRA (Org.). **Língua de sinais e educação de surdos**. São Paulo: TecArt, 1993. [Série de Neuropsicologia, v.3]

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom L. **Deaf in America: Voices from a Culture**. Harvard University Press (September 1, 1990)

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, G.; QUADROS, R. Ouvinte: o outro do ser surdo. In QUADROS, R. (org.) **Estudos surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. pp. 166-185.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Revista CRESCER. **No mundo silencioso da fantasia**. Ed. 110, jan. 2003. Disponível em: <http://revistacrescer.globo.com/Crescer/0,19125,EFC464887-2337,00.html>

ROSA, Fabiano Souto. **A literatura surda**: criação e produção de imagens e textos. ETD - Educação temática digital. **Educação de Surdos e Língua de Sinais**. Disponível em: <http://143.106.58.55/revista/viewissue.php?id=8#Dossiês Acesso> em 02/06/06.

SÁNCHEZ, Carlos. **Vida para os surdos**. In: Revista Nova Escola, set./1993.

SILVA, [Daniele Nunes Henrique](#). **Como brincam as crianças surdas**. São Paulo: Plexus, 2002.

STUMPF, Marianne Rossi. Práticas de bilingüismo: relato de experiência. In: ETD - Educação temática digital. **Educação de Surdos e Língua de Sinais**. Disponível em: <http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=129&layout=abstract>